

Fotografias que não cabem em fotografias

"Ao ampliar e criar uma possibilidade de mundo, eu tropeço na falha da fotografia".
(Elaine Pessoa)

O quanto a fotografia consegue apreender de uma paisagem? O corte preciso e seletivo do visor da câmera trabalha no binômio inclusão e exclusão, no qual aquilo que foi incluído no quadro invariavelmente excita a imaginação sobre o que estava no entorno e o gesto fotográfico deliberadamente ocultou. Uma fotografia, portanto, é sempre um fragmento sobre o qual agem as forças invisíveis do extraquadro, que tensionam o limitado espaço em que circunscreve a imagem.

A obra de Elaine Pessoa, mais marcadamente a que conhecemos a partir de seus dois livros anteriores - *Tempo Arenoso, Olhavê*, 2015 e *Nimbus, Fotô Editorial*, 2016 - e que agora juntam-se a esse *Paysages*, forma uma trilogia, um potente *corpus*, que investiga na tradição da representação da paisagem, e em intersecção com a subjetividade da artista, percursos possíveis da percepção visual ao confrontar a natureza do mundo com a natureza da fotografia.

Nas veredas do seu olhar inquieto e questionador, a artista articula estratégias de investigação nas quais uma visada extemporânea busca conciliar na mesma superfície o aqui e o alhures, o presente e a memória, o visto e o fabulado, o quadro e o extraquadro.

Uma fotografia não cabe numa fotografia, parece nos dizer o tempo todo a obra de Pessoa. Logo, suas obras são o que ela denomina de "*tropeços na falha da fotografia*". Ora, quando observamos uma determinada paisagem, de fato, não é exatamente a paisagem que olhamos.

O exercício dessa observação é, sobretudo, a experiência de ser tragado pela paisagem, por aquilo que ela nos leva a refletir, pelos estados de ânimo que ela nos inspira, pelas memórias visuais, olfativas, táteis, auditivas e afetivas que ela tem a capacidade de recuperar em algum lugar entre o consciente e o inconsciente para presentificar num átimo. Quando olhamos algo com atenção o fazemos com o corpo todo, com tudo o que nos anima e não apenas pela faculdade da visão. A contemplação dispara esse torvelinho de emoções, sublimações e inquietações. Esse estado de coisas surge numa sucessão não linear de tempos atravessados, sobrepostos, fabulados.

A poética de *Paysages*, e de outras paisagens interrogadas pela artista, aponta para a imagem como uma inevitável eclosão do devir. Olhamos a paisagem tanto quanto somos observados por ela. Nesse jogo dialógico experienciamos, em vertiginosas espirais que desacomodam o campo fotográfico da sua práxis tradicional, a nossa própria noção de existência e transcendência.

Ao "*tropeçar nas falhas da fotografia*" e atentar contra o jogo especular das aparências, Elaine Pessoa transgride códigos para libertar nossa percepção para uma aventura que visa a apreensão mais complexa e delirante do mundo.

Eder Chiodetto

Photos that do not fit into photos

"By broadening and creating a world, I stumble on photograph failure".
(Elaine Pessoa)

How much can photography capture from a landscape? The precise and selective cut of the camera's viewfinder works in the binomial inclusion and exclusion, in which what was included in the picture invariably excites the imagination about what was in the surroundings and the photographic gesture deliberately concealed. A photograph, therefore, is always a fragment on which the invisible forces of the extra-frame act, which strain the limited space in which it circumscribes the image.

The work of Elaine Pessoa, more markedly than we know from her two previous books - *Tiempo Arenoso, Olhavê*, 2015 and *Nimbus*, Fotô Editorial, 2016 - and that now join this *Paysages*, forms a trilogy, a powerful corpus, which investigates in the tradition of landscape representation, and in intersection with the subjectivity of the artist, possible paths of visual perception when confronting the nature of the world with the nature of photography.

In the paths of her restless and questioning gaze, the artist articulates strategies of investigation in which an extemporal aim seeks to reconcile the here and elsewhere, the present and the memory, the seen and the fabled, the framework and the extra-frame. A photograph does not fit into a photograph, the work of Pessoa seems to tell us all the time. Therefore, her works are what she calls "stumbling blocks of photography". Now when we look at a certain landscape, in fact, it is not exactly the landscape we look at. The exercise of this observation is, above all, the experience of being swallowed up by the landscape, by what it takes us to reflect, by the moods it inspires us, by the visual, olfactory, tactile, auditory and affective memories that it has the capacity to recover somewhere between the conscious and the unconscious to presentificate in an instant. When we look at something with attention we do it with our whole body, with everything that animates us and not only by the faculty of vision. Contemplation triggers this turmoil of emotions, sublimations, and restlessness. This state of affairs arises in a non-linear succession of times crossed, superimposed, fabled.

The poetics of *Paysages*, and other landscapes questioned by the artist, points to the image as an inevitable outbreak of becoming. We look at the landscape as much as we are watched by it. In this dialogical game we experience, in vertiginous spirals that defuse the photographic field of its traditional praxis, our own notion of existence and transcendence.

By "stumbling over the flaws of photography" and attacking the mirror game of appearances, Elaine Pessoa transgresses codes to free our perception for an adventure that aims at the most complex and delirious apprehension of the world.

Eder Chiodetto